

**Portugal Energy
Tour reuniu
lusodescendentes
eleitos dos EUA
numa visita às
energias renováveis
em Portugal P18**

**Conferência
Bioética nos Açores
trouxe a Ponta
Delgada diversos
especialistas sobre
o desenvolvimento
científico P22**

**FLAD África esteve
presente em duas
conferências
organizadas
em Moçambique
de apoio ao
desenvolvimento P10**

**A FLAD apoiou
a exposição
'Look on Vision -
Inside The Human
Eyes' no Arte
Institute em Nova
Iorque P25**

WE/FLAD #02

2015.02.S

30 ANOS DA FLAD COM MICHAEL KLARE

Segunda conferência dos
30 anos da FLAD reuniu
especialistas nacionais
e internacionais sobre
segurança energética P12

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA
PARA O DESENVOLVIMENTO



Vasco Rato

"São 30 anos de vida, sempre intensa e activa. Foi em 1985 que a FLAD foi criada"



Fotografia de capa de Rui Ochôa

06 ROADSHOW NOS ESTADOS UNIDOS

A FLAD organizou um roadshow de startups portuguesas nos EUA em parceria com a StartupBraga

08 ESTUDAR EM PORTUGAL

O programa Study in Portugal Network já trouxe 100 novos alunos dos Estados Unidos para estudar em Portugal

10 DIZER PRESENTE EM MOÇAMBIQUE

O programa FLAD África privilegia o diálogo com instituições da sociedade civil dos PALOP com o objectivo de apoiar o desenvolvimento

12 MICHAEL KLARE EM PORTUGAL

Desenvolvimento económico e segurança energética dominaram o debate entre especialistas na FLAD



18 PORTUGAL ENERGY TOUR

Altos representantes lusodescendentes eleitos nos EUA visitaram instalações de energias renováveis em Portugal

25 A LOOK ON VISION EM NOVA IORQUE

A FLAD apoiou e patrocinou a exposição 'Look on Vision - Inside The Human Eyes' no Arte Institute em Nova Iorque



26 ARTE PRESENTE EM SETE RIOS

O projecto Arte em Movimento levou algumas obras da colecção de arte da FLAD ao Centro de Saúde de Sete Rios



22 BIOÉTICA DISCUTIDA NOS AÇORES

Cientistas, académicos e políticos debateram em Ponta Delgada como se pode conciliar bioética com o desenvolvimento científico



28 INTEGRAR COM MUITA ARTE

É possível promover a inclusão social de crianças e jovens com arte. Este é o projecto do Integr.arte-E5G

30 EMPREENDEDORISMO

Jorge Gabriel, administrador executivo da FLAD, escreve sobre Portugal, as empresas e os empreendedores

CARO LEITOR

Somos o que fazemos

Vasco Rato / Presidente da FLAD

São 30 anos de vida, sempre intensa e activa. Foi em 1985 que a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) foi criada e a realidade era outra, naturalmente muito diferente da que hoje temos pela frente. Estou certo que os desafios eram igualmente motivadores para quem conduzia os destinos desta instituição, mas cabe aos responsáveis de instituições como a FLAD manter a actividade das organizações sempre adequada ao novos horizontes de exigência impostos pela dinâmica das sociedades.

Daí que, sem trair o espírito e os fios condutores dos 30 anos de existência da FLAD, para a atual administração tornou-se desde a primeira hora prioritário acrescentar à atividade já existente o pilar da “cooperação económica e empresarial entre Portugal e os Estados Unidos”, juntando-o à “cooperação científica e tecnológica com as entidades americanas”, ao “programa de desenvolvimento para os Açores” e, ainda, à “promoção da língua e da cultura portuguesas nos EUA”.

Em todas as frentes assumidas, esta administração da FLAD tem apostado no desenvolvimento de mais e melhores parcerias, ligações e interações, com a convicção de que os luso-descendentes não são apenas um número – embora 1,1 milhões de luso-descendentes seja uma expressão numérica tão forte quanto respeitável.

Estamos a falar de portugueses de primeira, segunda e já de terceira geração a quem Portugal tanto deve, que tanto têm para dar e que estão disponíveis para interagir com o seu país de origem, criando oportunidades para as empresas, para as universidades e para as mais diversas instituições. Temos a preocupação e a vontade de homenagear esta comunidade com a realização de ações concretas que ajudem a reduzir a distância que nos separa e alinhem os nossos esforços num objetivo comum: chegarmos mais longe, sempre de forma mais robusta.

Este segundo semestre de 2015 ficou marcado por um vasto conjunto de iniciativas das quais, sem desprimor para qualquer outra, destacaria três, quer pe-

la sua complementaridade, quer pela sua dimensão.

Começo pelo “Portugal Energy Tour”, que reuniu em Portugal um grupo significativo de luso-americanos eleitos para cargos políticos nos Estados Unidos. Acompanhados por empresários e gestores norte-americanos, todos guiados pela FLAD, vieram visitar um conjunto de empresas portuguesas que exportam e investem na América – e que podem ter em cada luso-americano eleito nos EUA um novo “embaixador”. Foi dado mais um passo importante nessa aproximação entre os dois lados do Atlântico.

O programa FLAD África é, também, motivo de destaque por três razões. Por um lado, porque retoma uma estratégia e uma via de atuação da Fundação que esteve suspensa e que, com naturalidade, nos posiciona num habitat natural como é África. Por outro, porque permite à FLAD abordar os Países de Língua Oficial Portuguesa como parte integrante da nossa cultura, da nossa história e do nosso posicionamento num mundo tão global e competitivo como o atual. Finalmente, porque estando este programa fo-

Temos apostado em mais e melhores parcerias para uma maior cooperação entre Portugal e os EUA

cado na crescente capacitação e partilha de conhecimentos entre a FLAD e os seus parceiros, aposta decisivamente na ação das sociedades civis e dará, estou certo, os seus frutos de forma tão sólida quanto sustentável. Por fim, a Energia, um dos mais relevantes temas desta primeira década do novo milénio – e não apenas pela quebra abrupta do preço do petróleo, pela crescente aposta nas energias renováveis ou em consequência do intenso debate em torno do ‘shale gas’.

A presença em Portugal, a convite da FLAD, de um grupo de especialistas internacionais, em que se destacou o Professor Michael Klare, evidenciou a certeza de que as energias, o seu acesso, preço e sustentabilidade, são hoje um dos mais desafiantes e marcantes motores do desenvolvimento nacional e internacional.

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA
PARA O DESENVOLVIMENTO

Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento

CONSELHO DE CURADORES:

José Luís Nogueira de Brito (Presidente)
Mário Ferreira
José Lamego
Rui Ramos
John Olson
Elvira Fortunato

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:

Vasco Rato (Presidente)
Jorge da Silva Gabriel
Michael Alvin Baum Jr.
Jorge Figueiredo Dias
Mário Mesquita

CONSELHO EXECUTIVO:

Vasco Rato (Presidente)
Jorge da Silva Gabriel
Michael Alvin Baum

Rua do Sacramento à Lapa, 21
1249-090
Lisboa | Portugal
Tel.: (+351) 21 393 5800 · Fax: (+351) 21 396 3358
Email: fladport@flad.pt · www.flad.pt
www.facebook.com/
FundacaoLusoAmericana

Revista WE

DIRECTOR:

Vasco Rato

COORDENADOR:

Bruno Ventura
EDITORES: Francisco Teixeira
e Paulo Pinto Mascarenhas

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Gonçalo Castelbranco, João Lemos Esteves, João Silvério, Jorge Gabriel, Maria Manuel Mota, Michael Baum, Miguel Vaz, Paulo Portas, Ruben Eiras, Rui Pereira e Vasco Rato

DESIGN:

Rute Coelho

REVISÃO:

Maria Athayde

PERIODICIDADE:

semestral

paralelo@flad.pt

© Copyright:

Fundação

Luso-Americana para o

Desenvolvimento

Todos os direitos reservados

BREVES



FLAD em São Francisco

Por ocasião da visita oficial à Califórnia do presidente da FLAD, Vasco Rato, o cônsul-geral de Portugal em São Francisco, Nuno Mathias, com o apoio de importantes líderes comunitários, como Tony Goulart ou Manuel Bettencourt, entre outros, organizaram um encontro onde estiveram as principais associações comunitárias de San José e Santa Clara. O jornal "Tribuna" publicou algumas das imagens do encontro.

Walk&Talk - Festival de Arte Pública

Realizou-se pelo quinto ano consecutivo o Festival Walk&Talk nos Açores. O festival teve o seu início em 2011. A FLAD tem apoiado este festival que se realiza na ilha de São Miguel, entre Julho e Agosto. O conceito do Festival Walk&Talk consiste em utilizar e transformar

Caldeira Cabral aplaude iniciativa

O Portugal Energy Tour (PET) da FLAD, que trouxe uma delegação norte-americana com congressistas e senadores dos estados de Massachusetts, Rhode Island, Connecticut e de Nova Iorque, foi um verdadeiro sucesso. Como se dizia numa notícia na TSF, "em cinco dias e mais de mil quilómetros, uma delegação de senadores e congressistas lusodescendentes, acompanhados de empresários, vão procurar, no terreno, aquilo

a que já chamaram 'o caso português': a aposta na área das energias renováveis". Presente na apresentação do PET no auditório da FLAD, o ministro da Economia, Manuel Caldeira Cabral, aplaudiu a iniciativa, dizendo que as energias renováveis podem tornar Portugal na "nova entrada de energia na Europa", numa altura em que a instabilidade nas relações com a Rússia já lançou incertezas sobre o fornecimento energético a países europeus.



Palcus em Hudson

No dia 24 de Outubro de 2015 teve lugar a 19ª gala da PALCUS na cidade de Hudson, Massachusetts, onde existe uma significativa comunidade luso-americana. Várias personalidades da comunidade luso-americana foram distinguidas e

estiveram presentes o embaixador de Portugal em Washington DC, Domingos Fezas Vital - e o embaixador dos EUA em Lisboa, Robert Sherman. O presidente da FLAD participou nesta gala como "Honorary Chair", tal como o senador estadual de Massachusetts, Michael Rodrigues - e o comendador António Frias.

diversos espaços em oportunidades para a realização das mais variadas atividades vocacionadas para a arte pública, através de diversas formas de expressão. Atrai dezenas de criadores, entre eles nomes destacados da arte contemporânea e novos talentos, oriundos de múltiplas geografias e disciplinas para uma experiência de co-criação. O Walk&Talk

assenta numa partilha criativa, na qual intervêm a natureza, a cultura e comunidades locais - um laboratório de experiências que tem proporcionado colaborações e interações da maior importância com vista a potenciar o ecossistema criativo açoriano. Os trabalhos são apresentados numa exposição coletiva, em concertos, workshops, etc.

Jorge Sampaio e Vasco Rato assinam protocolo na FLAD

A FLAD decidiu associar-se à APGES-Plataforma Global de Assistência Académica de Emergência a Estudantes Sírios, iniciativa liderada pelo ex-Presidente da República, Jorge Sampaio, para conceder duas bolsas que permitam que dois estudantes sírios prossigam os seus estudos superiores em Portugal no ano letivo de 2015/2016. As bolsas têm um montante global de doze mil euros. O protocolo foi assinado entre a FLAD e a APGES, a 24 de Novembro de 2015, na sede da FLAD, com a presença do ex-Presidente da República, Jorge Sampaio, e do Presidente da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Vasco Rato.

Connect to Success para as portuguesas

O Connect to Success é um programa apoiado pela Embaixada dos EUA em Lisboa e pela FLAD, que tem como objectivo contribuir para o desenvolvimento de PMEs detidas por mulheres, em Portugal. É baseado num programa semelhante, pelo qual a Embaixatriz Kim Sawyer passou nos Estados Unidos, onde fundou a sua própria empresa há mais de 20 anos. As empresas detidas em pelo menos 51% por mulheres podem inscrever-se no site da WEConnect, uma organização que se dedica a ensinar, registar e certificar empresas detidas por mulheres, fora dos EUA (<http://portugal.usembassy.gov/business/connect2success.html>).



Crossing the Atlantic

O primeiro concurso de 2016 está aberto entre 25 de Janeiro e 28 de Fevereiro. Todas as informações acerca do programa, regulamento e candidaturas online estão disponíveis no site da FLAD em www.flad.pt. O programa Crossing the Atlantic, em colaboração com a Universidade dos Açores, tem o objetivo de apoiar projetos que pretendam incentivar a mobilidade de estudantes e docentes/investigadores entre a Universidade dos Açores (UAç) e instituições dos EUA, nomeadamente universidades e/ou outros centros de pesquisa; estimular o desenvolvimento científico, sociocultural e económico da Região Autónoma dos Açores e aprofundar laços entre os Açores e as comunidades açorianas nos EUA a nível educativo e de investigação. Crossing the Atlantic é totalmente financiado

pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, com um montante de 100.000 € / ano, ao abrigo de um protocolo entre a FLAD e a UAç formalizado em março de 2015. O programa desdobra-se em dois concursos anuais, e tem dois modelos de candidatura, consoante se trate de instituições dos EUA (canalizadas para a FLAD), ou de candidaturas da Universidade dos Açores (canalizadas para a UAç). A avaliação de todas as candidaturas é feita por júri composto por representantes das duas instituições. O financiamento máximo atribuído a cada projeto até 20.000 €. O primeiro concurso de 2015 recebeu 22 candidaturas, das quais foram aprovadas 14 (sete dos Açores e sete dos EUA). O segundo concurso recebeu 14 candidaturas, das quais foram aprovadas nove (três dos EUA e seis dos Açores).

Concurso de professor visitante na Universidade de Brown

A FLAD e o Departamento de Estudos Portugueses da Brown University (Providence, Rhode Island, EUA) abriram em 2015 um novo concurso para o lugar de Professor Visitante naquela Universidade, nos dois semestres do ano lectivo de 2016/2017. O concurso tem como objectivo principal a leccionação

de um curso semestral em inglês sobre um tema de História de Portugal ou de Ciências Sociais (de preferência, Sociologia, Antropologia ou Ciências Políticas), relacionados com Portugal contemporâneo. Será seleccionado um Professor Visitante para o Semestre de Outono (Setembro-Dezembro) de 2016 e para o Semestre da Primavera (Janeiro-Maio) de 2017. Para mais informações, consulte o site da FLAD (<http://www.flad.pt/concurso-professor-visitante-na-brown-university-20162017>).

Roadshow de startups portuguesas nos Estados Unidos da América

A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento realizou um roadshow de startups nos Estados Unidos. Em parceria com a StartupBraga, patrocinámos e acompanhamos cinco novas empresas portuguesas num roteiro empresarial a Boston e S. Francisco

Foi em parceria com a StartupBraga que a FLAD realizou um roadshow nos Estados Unidos com cinco startups seleccionadas no 2º Programa de Aceleração. O roadshow, que se realizou entre 19 e 23 de Outubro, teve Boston e S. Francisco como as principais cidades do roteiro (com Silicon Valley em grande destaque).

Durante a iniciativa as startups portuguesas apresentaram os seus projetos a investidores, trocando experiências com equipas de entidades de referência (como a MIT e a Google). Todos os participantes estabeleceram ainda contactos para a criação de networking e estabeleceram contacto directo com várias tecnológicas portuguesas, já implantadas nos EUA, e que são reconhecidos casos de sucesso.

Recorde-se que o 2º Programa de Aceleração decorreu no 2º trimestre de 2014 e teve a participação de 11 startups. Destas, foram seleccionadas cinco, que agora tiveram a oportunidade de integrar o roadshow.

As startups seleccionadas apresentaram projetos inovadores e com forte potencial económico. Para além da premiada Sticketin – que recebeu um prémio de 100 mil euros e oferece um

Face ao enorme sucesso da iniciativa, a Startup Braga e a FLAD já têm em marcha o 3º Programa de Aceleração

As 18 equipas das duas edições anteriores conseguiram angariar um total de mais de 4 milhões de euros em financiamento

sistema de troca ou venda de bilhetes para quem não possa ou não queira ir a um evento –, estiveram também presentes outras startups.

Foi o caso da Performetric (que apresenta o sistema de monitorização de fadiga mental em tempo real), ou o motor de pesquisa da Glymt, que permite pesquisar o mundo para descobrir ou revisitar lugares através de vídeos ou encomendar a sua produção a membros da comunidade. Mas também a aplicação MusicYou, uma forma de partilhar qualquer momento em fotografia ou vídeo com música, ou a Loqr, uma aplicação que permite a dupla autenticação de uma operação efectuada por um utilizador online.

Face ao enorme sucesso da iniciativa, a Startup Braga e a FLAD já têm em marcha o 3º Programa de Aceleração que manterá a mesma matriz dos anteriores mas com metas ainda mais ambiciosas, sempre com o objetivo de

materializar a inovação e o talento das startups portuguesas.

O novo 'Programa de Aceleração Startup Braga FLAD' iniciou-se no princípio de 2016, com duração de 4 meses e um número limitado de equipas. O foco do programa assenta nas áreas de Mobile, eCommerce, MedTech e Nanotecnologia.

O Programa de Aceleração Startup Braga FLAD é uma grande oportunidade para fazer avançar uma startup. As 18 equipas das duas edições anteriores conseguiram angariar um total de mais de 4 milhões de euros em financiamento. Com ligação a mais de 50 empresários, investidores e especialistas, disponibilizamos um espaço de escritório 24x7, o acesso a uma vasta rede de parceiros, workshops e uma comunidade de mais de 50 startups. No final do programa oferecemos a oportunidade de participar num roadshow internacional.



Jorge Gabriel, administrador executivo da FLAD

Jorge Gabriel, administrador executivo da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, afirma que a FLAD patrocina a deslocação de 'startups' locais aos Estados Unidos "porque entende que "Portugal dispõe hoje de condições objectivas para que possa prosperar uma cultura de empreendedorismo e para que as novas boas empresas acrescentem valor à nossa economia e enriqueçam a nossa sociedade". Por isso, acrescenta Jorge Gabriel, que acompanhou o primeiro roadshow nos EUA, "a FLAD elegeu a ciência, a tecnologia e os negócios daí resultantes como a sua prioridade nas relações transatlânticas, concebendo um plano de estímulo à participação cruzada de empresas e grupos de investigação entre os dois lados do Atlântico."



100 novos alunos dos Estados Unidos vêm com a FLAD para Portugal

No primeiro ano académico de actividade, Study in Portugal Network trouxe uma centena de alunos norte-americanos para as universidades portuguesas

Prof. Michael Baum / Administrador da FLAD e Diretor do Study in Portugal Network / **Ricardo Pereira** / Coordenador do Study in Portugal Network

A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) acredita firmemente na missão de criar um entendimento transnacional através do intercâmbio académico de professores e alunos. A partir dessa visão, a FLAD, em parceria com 4 universidades (ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Universidade de Lisboa, Universidade Nova de Lisboa) e outros parceiros institucionais (Embaixada dos EUA em Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Ministério da Educação e Ciência, Fulbright Portugal e SATA – Air Azores), lançou oficialmente o programa Study in Portugal Network, SiPN a 7 de Outubro de 2014, com vista a colocar Portugal, e as universidades Portuguesas, no radar da comunidade académica norte-americana, nomeadamente na captação desses estudantes de ensino superior para virem desenvolver os seus estudos em Portugal, quer seja durante programas de curta duração, verão - summer schools (decorrem durante os meses de Junho, Julho e Agosto) ou inverno - winter term (Janeiro), quer seja para passarem um semestre ou um ano letivo completo em Portugal. O SiPN apresenta assim uma oferta contínua de programas académicos durante todo o ano, incrementando o potencial de captação de estudantes, tendo em conta o formato do calendário académico norte-americano

O Study in Portugal Network, ainda que em fase de arranque, poderá ser um grande aliado da marca Portugal, a começar nas universidades portuguesas.

que assegura ao estudante a desejada progressão académica.

Os primeiros estudantes recrutados pelo SiPN, as irmãs Sugeiry e Miguelina Berroa (ver foto em anexo), chegaram ao aeroporto internacional de Lisboa para a primeira edição absoluta do programa – Verão de 2015, no 1 dia de Junho de 2015. No verão de 2015 o SiPN recrutou 24 estudantes, 9 deles tiraram partido dos estágios curriculares angariados pelo SiPN (os estudantes SiPN estagiaram a part-time ou full-time na Fundação Champalimaud, Camara Municipal de Lisboa – Galeria de Arte Urbana e Centro de Arqueologia de Lisboa, Hovione Pharmaceutical, Banco BiG, Ministério dos Negócios, entre outros). As experiências de estágio são creditadas pelas universidades parceiras.

Volvida toda a programação de verão, primeiro semestre 2015/2016, e com um grupo de 46 estudantes e docentes provenientes da Universidade de Rhode Island (licenciatura nas mais diversas áreas), Rhode Island School of Design (licenciatura em Arquitetura, Design, Urbanismo) e Johns Hopkins University (alunos de mestrado em engenharia e gestão) de momento a Portugal, outros 11 já admitidos para o próximo semestre (2o semestre 15/16), e um novo programa customizado para alunos interessados em descobrir mais sobre o empreendedorismo que prevê a vinda de 20 alunos provenientes da Universidade de Massachusetts Dartmouth, faz com que o SiPN

termine o seu primeiro ano de atividade com cerca de 100 estudantes admitidos.

A quantidade e a expressão deste número fazem crer que o SiPN, ainda que em fase de arranque, poderá ser um grande aliado da marca Portugal, nomeadamente das universidades portuguesas. Veja-se que no melhor ano de sempre no que respeita ao número de estudantes norte-americanos a estudar em Portugal, ano letivo 2013/2014, todo o país foi capaz de merecer a escolha de 319 alunos (Open Doors Report, Institute of International Education), sabemos agora que aquando da publicação dos resultados relativos ao ano letivo 2015/2016, o jovem programa SiPN por si só contribuirá com cerca de 100 estudantes para um total que se prevê ser novo recorde.

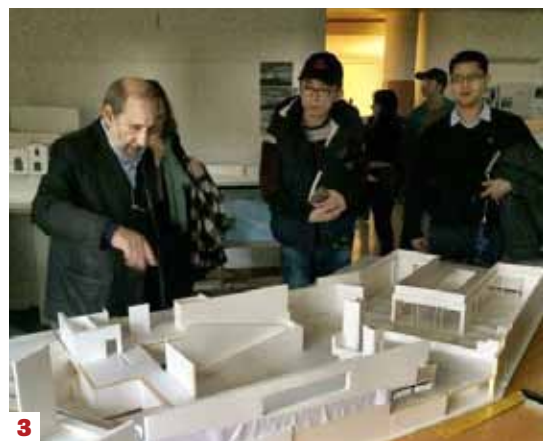
Existem vários elementos que nos fazem crer que o SiPN continuará a expandir a sua rede, desde logo pela massa crítica que se tem gerado com o regresso aos EUA de ex-alunos SiPN que agora carregam também com eles o papel de embaixadores do programa, das universidades portuguesas, e de Portugal. Até ao momento o SiPN foi capaz de atrair estudantes da Universidade de Massachusetts Amherst e Dartmouth (MA); Stanford University (CA); University of Connecticut (CT); Bridgewater State (MA); Wellesley College (MA); University of Rhode Island (RI); University of California – Berkeley (CA); San Diego State University (CA); Univer-



1



2



3



4



5

1 Participantes no programa J-Term 2016 de SiPN. Havia três grupos de universitários e de docentes de Johns Hopkins University, Rhode Island School of Design (RISD) e da University of Rhode Island (URI).

2 O prof. Francisco Veloso (Dean, Católica School of Business) foi um dos oradores convidados pelo programa para um jantar/debate no Palácio Henrique Mendonça da Univ. Nova de Lisboa (UNL) sobre o tema de "Governar com a Troika: Questões e Debates". Daniel Traça (Dean, Nova Business) e André Freire (ISCTE) foram os outros oradores que compareceram.

3 Os alunos da RISD tiveram a oportunidade de visitar o atelier de Álvaro Siza Vieira e conversar com o premiado arquitecto.

4 Allan Katz, ex-embaixador dos EUA em Portugal e agora Prof. visitante da Universidade Missouri-Kansas City, trouxe com ele um grupo desta universidade e participaram na sessão inaugural no auditório da FLAD.

5 Michael Baum, é administrador executivo da FLAD e o director do programa Study In Portugal Network.

6 Mário Ferreira é membro do Conselho de Curadores da FLAD e um dos empreendedores com mais sucesso em Portugal. Falou para o grupo sobre a sua experiência como dono da Douro Azul no Porto.

7 As irmãs Sugeiry da Universidade de Wisconsin-Milwaukee estiveram entre as primeiras participantes no programa SiPN.



6



7

sity of Wisconsin – Milwaukee; Tufts University (MA); Brown University (MA) Bentley University (MA); University of Michigan (MI); University of Notre Dame (IN); Hampden Sydney College (VA); Brigham Young University (UT) e Indiana University Bloomington (IN).

O SiPN aspira também poder dar o contributo a outras universidades parceiras Portuguesas localizadas fora da zona da grande Lisboa, prova disso é a oferta de um programa a ser desenvolvido nos Açores em conjunto com a universidade dos Açores já no próximo mês de Junho de 2016; a criação de varias oportunidades de estágio nas áreas das ciências da vida (IPA-TIMUP e ICBAS) creditados pela Universidade do Porto entre outros contactos que se têm vindo a realizar com o intuito de ampliar "a rede".

Através do know-how da FLAD, e seus 30 anos de operação, a instituição dá através do SiPN mais um importante contributo ao ensino superior português no processo de comunicação e recrutamento de estudantes e docentes nos Estados Unidos da América. Em suma, boas notícias para as universidades portuguesas, para a economia e para o aprofundamento do entendimento intercultural entre as nações.



Presentes com a sociedade civil em África

O programa FLAD África tem privilegiado o diálogo com diversas instituições da sociedade civil dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa com o objectivo de promover projectos comuns de desenvolvimento

O presidente da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Vasco Rato, esteve presente em duas conferências organizadas no mês de Dezembro de 2015 em Maputo, capital de Moçambique, pela SOFID e pelo MOZEFO (Fórum Económico e Social de Moçambique), no contexto do programa FLAD África.

A primeira conferência, da SOFID, foi organizada no dia 1 de Dezembro de 2015 pela SOFID, no Centro Cultural Português em Maputo, tendo como tema de debate “As Parcerias Luso-Americanas para o Desenvolvimento em África”. Contando com a presença na plateia de diversos representantes da comunidade empresarial de origem portuguesa em Moçambique, registou-se uma viva tro-

ca de impressões acerca das ferramentas existentes para “alavancar” o investimento português no país.

Entre outros convidados que contribuíram para o debate estiveram presentes o embaixador de Portugal em Moçambique, José Augusto Duarte, o presidente do Conselho de Administração da SOFID, António Rebelo de Sousa, assim como Vasco Rato, presidente da FLAD.

Já a conferência do MOZEFO teve como tema “O Futuro é Agora. Humanizando o Crescimento”. Este foi o lema da primeira edição do MOZEFO, o Fórum Económico e Social de Moçambique, que se realizou nos dias 2, 3 e 4 de Dezembro, em Maputo.

A iniciativa juntou representantes do sector privado e da sociedade civil com membros do governo moçambi-

cano, para além de dirigentes e políticos internacionais, num debate vivo e alargado sobre os desafios que o país enfrenta no seu processo de desenvolvimento. Procurou-se encontrar novos caminhos e novas soluções capazes de impulsionar um crescimento económico acelerado, inclusivo e sustentável de Moçambique.

Entre os membros do governo destacaram-se personalidades como a ministra da Saúde, Nazira Abdula, o ministro da Economia e das Finanças, Adriano Maleiane, o ministro da Indústria e do Comércio Ernesto Max Tónela, ou o ministro da Educação e do Desenvolvimento Humano, Jorge Ferrão. Participaram também personalidades muito especiais e marcantes da vida pública do país, como o antigo Presidente Joaquim Chissano, Graça Machel, Luísa Diogo ou Mia Couto.

Já entre os convidados internacionais com intervenções na conferência, estiveram presentes o antigo Presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, o académico e político português Marcelo Rebelo de Sousa, o presidente da FLAD, Vasco Rato, o economista das Nações Unidas, Finn Tarp e o professor universitário Jorge Braga de Macedo. O Fórum contou também com a participação entre os oradores de figuras moçambicanas que se destacaram pelas suas carreiras no estrangeiro, como Elísio Macamo, professor na Universidade de Basileia, Hélder Muteia, representante da FAO em Portugal e na CPLP, ou Roberto Tibanana, economista do FMI.

Projectos apoiados pelo programa FLAD África

2016

A Fundação Universitária para o Desenvolvimento da Educação (FUNDE), vai desenvolver em 2016 um “Survey de Governance”. O objectivo é realizar uma radiografia do desenvolvimento democrático e económico em Moçambique e auscultar os cidadãos sobre a qualidade das opções económicas.

2015

O projecto “Planeta dos Amigos” da Fundação Joaquim Chissano que visa semear a importância dos valores da Paz e do Diálogo junto da comunidade infantil.

A Associação Cívica “Parlamento Juvenil de Moçambique”, que organizou a II Conferência Africana de Juventude, em Maputo, de 12 a 15 de Agosto.

O estudo e a investigação sobre as causas e as consequências da insegurança marítima no Golfo da Guiné, assim como o papel geopolítico e institucional de Portugal.

O projecto de conservação da espécie no arquipélago de São Tomé e Príncipe, em colaboração com a Associação de Tartarugas Marinhas (ATM).

O desenvolvimento do projecto da Universidade de Medicina de Lisboa de prevenção de Saúde Pública contra o contágio do vírus ébola, junto das populações dos países de língua oficial portuguesa.

OPINIÃO

FLAD África: ao serviço do desenvolvimento



Bruno Ventura

Director da FLAD

A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) sempre entendeu alargar a sua actividade junto dos países africanos de língua oficial portuguesa.

No período histórico posterior às independências, em que muitas destas jovens nações viveram décadas de profundas dificuldades, fruto da vivência de guerras civis prolongadas, a FLAD esteve presente.

Nesses tempos, as tarefas da Fundação centraram-se na educação, estabelecendo parcerias com instituições universitárias, com o objectivo de fornecer recursos humanos qualificados que pudessem leccionar, bem como no apoio à construção curricular de alguns cursos de ensino superior, capazes de responder adequadamente às expectativas de desenvolvimento específicas de países em construção.

O actual Conselho Executivo da FLAD decidiu retomar a sua presença no continente africano, que fala e escreve português. Como é sabido, o objectivo estratégico da FLAD corresponde à promoção do desenvolvimento de Portugal através da cooperação com os EUA. Acreditar que, no século XXI, com a vivência de um processo de globalização, a aposta no desenvolvimento do nosso país poderia ser resumido a fronteiras que delimitam o espaço geográfico do estado português, seria no mínimo redutor, ou curto de entendimento.

Durante a década que vivemos, o destino maior da emigração portuguesa foi precisamente alguns países africanos de língua oficial portuguesa. É também importante referir que os PALOP são mercados estratégicos vitais para as exportações do tecido empresarial nacional.

Em 2015, a Fundação implementa o programa FLAD África. O desenho deste programa tem em conta as novas realidades destas jovens nações, que conseguiram construir a paz e implementar a democracia.

Alguns destes países, como Angola e Moçambique, registaram nos últi-

mos anos indicadores de crescimento assinaláveis, resultantes da manutenção da paz e da descoberta e exploração de alguns recursos naturais. Podemos portanto inferir que o desenvolvimento sustentável será o designio cardeal destas nações na próxima década. Aparentemente, a conquista do desenvolvimento sustentável estará dependente da manutenção da paz e da consolidação da democracia, como modelo de governo. Do que é conhecido historicamente, a consolidação democrática ocorre maioritariamente em comunidades com uma sociedade civil robusta e autónoma das estruturas do Estado, capaz de responder com lucidez em momentos de crise e tensão.

O programa FLAD África procura, pelo contexto acima descrito, actuar nas áreas da capacitação institucional, cooperando preferencialmente com organizações da sociedade civil, apoiando projectos de desenvolvimento comunitário e de consolidação democrática. Outras das áreas de actuação será a aposta na capacitação humana, através da promoção de projectos de intercâmbio de educação superior ou formação técnica, adequando a aposta formativa às necessidades dos mercados locais.

Acreditamos que, ao emprestarmos valor para a edificação de um espaço lusófono comum que partilhe os valores da democracia e do desenvolvimento, estamos a dar um contributo importante para a promoção do nosso país como agente de desenvolvimento num mundo global e competitivo.

O programa FLAD África procura actuar nas áreas da capacitação institucional, cooperando preferencialmente com organizações da sociedade civil

30 anos de FLAD trazem Michael Klare a Lisboa

Segunda Conferência dos 30 Anos da FLAD “3D – 3 Décadas de Desenvolvimento: Científico, Económico e Político” traz a Portugal Michael T. Klare, Tim Boersma e Michael Rühle para debater o tema “Desenvolvimento Económico e a Segurança Energética: desafios estratégicos”

O desenvolvimento económico é indissociável das questões relacionadas com a segurança energética. Foi este o mote da segunda conferência 30 Anos FLAD “3D – 3 Décadas de Desenvolvimento: Científico, Económico e Político” que celebrou na quinta-feira, dia 19 de Novembro de 2015, no Auditório da Fundação, as três décadas da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), desta vez com o tema “Desenvolvimento Económico e a Segurança Energética: desafios estratégicos”.

De acordo com Vasco Rato, presidente da FLAD, “no atual paradigma internacional este debate torna-se central para a criação de uma estratégia sustentável de gestão dos recursos energéticos suportada numa visão global e transversal que capacite a resiliência dos estados face a potenciais ameaças”. Mais: “A questão energética será cada vez mais central nas relações transatlânticas e importa saber qual o papel do espaço que fala português nestas questões”, diz ainda Vasco Rato.

Já para Robert A. Sherman, embaixador dos Estados Unidos (EUA) em Portugal, “as questões energéticas são cada vez mais importantes para as lideranças de ambos os lados do Atlântico”. O diplomata referiu ainda que o papel da FLAD neste e noutros âmbitos “nunca foi tão relevante como agora”.

A conferência começou com uma exposição sobre “Energia Segura no

Atlântico: desafios estratégicos”, tendo como keynote speaker Michael T. Klare, diretor do “Five College Program in Peace and World Security Studies, Hampshire College in Amherst, Massachusetts”.

Michael T. Klare explicou que, para além de centrais, as questões relacionadas com a segurança energética se tornaram cada vez mais complexas: “O conceito de segurança energética mudou de forma dramática. Tudo começou com a preocupação de uma fonte de energia – o petróleo – mas hoje tem muitos significados diferentes, e formas diversas de combustíveis como o gás natural, o urânio, a energia eléctrica e em diferentes campos que vão desde a distribuição às mudanças climáticas”.

Esta mudança joga-se, segundo este especialista, também ao nível das disputas geopolíticas das grandes potências globais sobre as reservas de recursos naturais disponíveis: “Novas reservas anteriormente inacessíveis encontram-se em zonas cujo território é disputado como no Ártico, nas Falklands/Malvinas ou no território entre China e Japão”.

Para Michael T. Klare, este campo também terá no futuro que ser alvo de cooperação entre as economias mais avançadas do Norte – “mais abertas às energias renováveis” – e os países menos desenvolvidos do Sul, “que ainda estão dependentes do recurso a energias fósseis”.

Michael Klare é um dos académicos norte-americanos mais brilhantes



Robert A. Sherman, embaixador dos Estados Unidos em Portugal, diz que “as questões energéticas são cada vez mais importantes para as lideranças de ambos os lados do Atlântico”

no campo da reflexão do futuro das relações internacionais e de como estas poderão sofrer a influência decisiva da política energética seguida pelos diferentes Estados. A sessão foi moderada pelo jornalista Paulo Ferreira.

Na segunda parte da conferência, moderada por Ruben Eiras, director do Programa de Segurança Energética da FLAD, Tim Boersma, director do “Energy Security and Climate Initiative” no “Brookings Institute”, e Michael Rühle, diretor do “Energy Security Section, in the Emerging Security Challenges Division in NATO’s International Staff”, debateram “A Geopolítica e a Perspectiva da Segurança Energética”.

Segundo Tim Boersma, “a política europeia no campo energético, como por

exemplo no gás natural, é muito difusa”. Mais: “A Comissão Europeia fala muito de diversificação mas estamos num ambiente de mercado livre” e “faltam recursos às instituições europeias o que reduz a sua capacidade de manobra”.

Boersma referiu ainda o aumento da importância geoestratégica da Península Ibérica na diversificação do abastecimento de gás natural da União Europeia: “Portugal e Espanha são muitas vezes falados nesse plano”.

Tim Boersma tem dedicado grande parte da sua investigação às políticas de desenvolvimento energético e de coordenação das políticas públicas em matéria de energia entre os países da União Europeia.

Por seu turno Michael Rühle, defen-

deu que “apesar das boas notícias relacionadas com a diversificação e cooperação”, no campo da segurança energética “a interdependência não previne a existência de conflitos”. diz.

Para Michael Rühle, que conta com uma grande experiência nos domínios da segurança internacional e da energia, apesar de “a energia ser uma fonte directa de conflito” não deverá existir espaço para “militarizar a energia”, ainda que seja necessário um esforço conjunto de cooperação entre os diversos países e as organizações envolvidas.

De acordo com Ruben Eiras, “a segurança energética está a evoluir muito rapidamente e existe espaço para a cooperação” entre os diversos stakeholders com interesse particular neste campo.

Quem é Michael Klare e qual o seu pensamento

Michael T. Klare: a política externa entre o “hard power” e o “soft power”

Saiba quem é e o que pensa Michael T. Klare, um dos académicos norte-americanos mais brilhantes no campo da reflexão sobre a política energética e o futuro das relações internacionais.

João Lemos Esteves / Fotografias de Rui Ochôa

Michael Klare é um dos académicos norte-americanos mais brilhantes no campo da reflexão do futuro das relações internacionais e de como estas poderão sofrer a influência decisiva da política energética seguida pelos diferentes Estados. Os Estados que compõem a realidade geopolítica podem ser apartados no seguinte binómio: Estados produtores de petróleo (“petro-states”) e Estados consumidores de petróleo. Nos nossos dias, verifica-se ainda uma excessiva dependência dos Estados face ao petróleo para satisfazer as suas necessidades energéticas – conclusão que é justificada pela premissa da influência das poderosas empresas petrolíferas (que Michael T. Klare crisma de “Big oil”) sobre os decisores políticos.

No seu livro (já clássico) intitulado “Blood and Oil”, Michael T. Klare constata que todos os conflitos internacionais do pós-Segunda Guerra Mundial foram motivados pela luta pelo controlo e domínio dos recursos naturais. E, no caso particular dos EUA, a política externa seguida pelas diferentes Administrações – quer do lado democrata, quer do lado republicano – registaram um ponto em comum: as suas opções estruturantes explicam-se à luz do imperativo de sa-

tisfazer as necessidades petrolíferas da economia norte-americana. Assim, as doutrinas Truman, Eisenhower, Nixon e mesmo Carter, embora com diferentes formulações, todas partilham o objectivo de controlar áreas importantes do ponto de vista energético, mais especificamente, abundantes em combustíveis fósseis.

A premência desta “corrida ao petróleo” acentuou-se face à constatação de que à medida que a procura deste recurso energético aumenta, os recursos energéticos próprios dos EUA diminui – ou seja, há uma correlação inversamente proporcional entre a procura interna e a auto-suficiência energética do país. Na mesma obra, publicada em 2004, Michael T. Klare conclui que os recursos energéticos próprios dos EUA apenas cobrem 60% das suas necessidades energéticas.

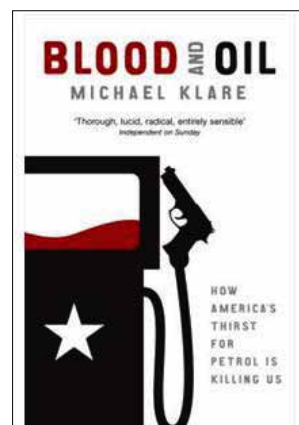
Por outro lado, um outro factor torna a “equação energética” dos EUA ainda mais complexa: a parte substancial da oferta petrolífera é oriunda de países, histórica e recorrentemente, hostis à nação americana. Pense-se, por exemplo, nos países do Golfo Pérsico, do Mar Cáspio ou da América Latina, dominada pelos seus governos populistas. Pelo que já na obra “Blood and Oil” – sugestivo título que associa o “petróleo” ao “sangue”, a energia à guerra –, Michael T. Klare antecipava que a necessidade crescente de bens energéticos levará ao despoletar de



Michael T. Klare num momento da sua intervenção durante o debate no Auditório da FLAD



O presidente da FLAD, Vasco Rato, deu as boas vindas a todos os convidados da conferência



O seu livro “Blood and Oil” deu ainda origem a um documentário sobre a influência dos recursos energéticos para o eclodir de conflitos internacionais, e para a reconfiguração do quadro geopolítico internacional, editado em DVD. Com participação do próprio MICHAEL T. KLARE e produção de Scott Morris. A realização coube a Jeremy Earp.

intervenção militares em zonas sensíveis do globo.

Esta dinâmica internacional, impulsionada pela procura de energia – de recursos energéticos – e sua carência, é o factor mais decisivo de reconfiguração da ordem geopolítica internacional. A energia assume-se, neste sentido, como a “força motriz” de reconfiguração da paisagem internacional. Por um lado, a Rússia, derrotada da Guerra Fria, é a principal fornecedora de energia do espaço geopolítico da “Euroásia”, ao passo que os Estados Unidos competem hoje com a China e a Índia (“Chindia”) pelo controlo de novos fundos petrolíferos e outros recursos energéticos. Tal “corrida pela energia” irá redundar na constituição de novas alianças (por mais bizarras que pareçam do ponto de vista estritamente político-ideológico) e a emergência de novos perigos geopolíticos explosivos – esta antecipação da emergência de uma nova ordem política mundial moldada pela busca de recursos energéticos foi antecipada por Michael T. Klare, na obra com o título “Rising Powers, Shrieking the Planet: The New Geopolitics of Energy” (2008).

Nesta última obra, Michael T. Klare

retoma uma ideia que já havia aventado no seu estudo “Resource Wars: The New Landscape of Global Conflict” (2002) – a de que as ideologias como causa, como leitmotiv dos conflitos bélicos (como sucedeu nas duas Guerras Mundiais, por exemplo) estão a ser substituídas pelo acesso aos recursos naturais, mais especificamente, os recursos naturais preciosos, como o petróleo, o gás natural, minerais e água. A luta dos Estados Unidos contra o extremismo islâmico, para além das questões imediatas de segurança, afigura-se como uma repercussão previsível do crescente consumo de energia pela população das nações, quer desenvolvidas, quer em vias de desenvolvimento.

Com o extremismo islâmico a ter uma forte presença em países ricos em recursos energéticos, é compreensível o extremar de discursos e acções entre os Estados Unidos e os países islâmicos – instigados muitas vezes por movimentos terroristas ou com associação a grupos terroristas – que querem proteger os recursos naturais de que dependem. A globalização e a competição económica crescente irão exponenciar estes conflitos. Neste cenário, o incremento da co-

operação internacional e de harmonização de interesses entre nações será o único caminho plausível para garantir a paz e a sustentabilidade do desenvolvimento económico a nível internacional.

Por esta razão, Michael T. Klare advoga que o acordo celebrado com o Irão de não proliferação da energia nuclear foi um passo deveras positivo: a sua execução com sucesso conduzirá à redução do armamento nuclear e reduzirá o risco de uma nova guerra no Médio Oriente, constituindo, de qualquer forma, uma abordagem amistosa à resolução de um conflito internacional. Além disso, o seu insucesso ou o fracasso das negociações transmitiria a imagem de incapacidade dos EUA de resolver, pelo diálogo e pela boa fé, os seus diferendos internacionais (Why the Deal With Iran is Worth Fighting For, in The Nation, 14 de Abril de 2015)

Recentemente, Michael T. Klare realça que o conflito potencial entre Estados adquiriu uma nova faceta: a luta ou a corrida pelos recursos naturais, dada a sua escassez e insuficiência para responder às necessidades globais, é já uma “luta pelo que resta”, ou seja, pelos recur-

sos naturais (mormente energéticos) que ainda existem ou que apresentam alguma sustentabilidade, no curto e no médio prazo. Este ilustre Professor retrata no seu mais recente livro com o título “The Race for What’s Left: The Global Scramble for the World’s Last Resources”, invocando factos e com uma análise arguta e desenvolvida, como o próprio sector energético está a sofrer alterações profundas: já não é apenas a energia que molda a geopolítica internacional – mas a geopolítica internacional, e os recursos naturais disponíveis, que moldam as políticas de energia e as empresas ligadas a este sector.

Neste contexto de alterações profundas na realidade energética internacional, inclui-se a exploração do gás de xisto (shale oil) nos Estados Unidos da América, o que levou à diminuição da procura do petróleo nos mercados internacionais, o que teve impacto nos países do Golfo Pérsico, com destaque para a Arábia Saudita. A OPEP, numa decisão inédita face ao que sucedeu em outras crises petrolíferas, decidiu manter os níveis de produção de petróleo inalterados, gerando a queda dos preços. Foi uma opção pensada e estratégica: com a redução do preço do barril de

Michael T. Klare que as grandes empresas petrolíferas (“big oil”) terão de se adaptar às novas tendências internacionais

petróleo, a procura deste recurso energético iria aumentar em prejuízo do gás de xisto (num fenómeno de “elasticidade cruzada” da procura), conduzindo ao encerramento das empresas exploradoras deste último recurso energético.

Todavia, Michael T. Klare adverte para a circunstância de não ser certo que a produção de gás de xisto diminua e que a procura deste recurso não venha a aumentar: logo, a estratégia seguida nos últimos anos pelas grandes empresas petrolíferas (“big oil”) irá revelar-se totalmente disfuncional. O modelo de exploração intensiva dos combustíveis fósseis seguido nas últimas décadas, perante a estagnação da procura e o excesso de produção, terá de ser repensado. Com efeito, o caminho para a sobrevivência das “big oil” passará, para Michael T. Klare, por olhar para além das fontes fáceis e realizar investimentos maciços no designado petróleo não convencional (“tough oil”, segundo

Klare): recursos localizados em zonas distantes da costa, em ambientes complexos ou em zonas politicamente perigosas, como o Iraque, cuja exploração exige novas tecnologias e investimentos avultados (de capital intensivo).

Por outro lado, um outro aspecto conflitua com a estratégia seguida habitualmente pelas empresas de “big oil”: as alterações climáticas são um tópico do debate político e da consciencialização cívica que já não poderão ignorar. A aposta nas energias renováveis é crescente, mesmo em países altamente industrializados: a investigação e o investimento nesta área têm aumentado consideravelmente nos últimos anos. E países como a China estão a diminuir a dependência da sua economia face ao petróleo, diversificando as fontes de energia.

Conclui Michael T. Klare que as grandes empresas petrolíferas (“big oil”) terão de se adaptar às novas tendências, reponderando as suas operações e a sua estratégia global, ou serão alvo de operações de aquisição societária por parte de empresas mais agressivas e mais ágeis. Os grandes projectos de perfuração para exploração de recursos petrolíferos, como os previstos para o Canadá ou para o Brasil, fa-

ce a esta conjuntura, terão de ser interrompidos devido à estagnação dos lucros do “big oil” (estas ideias foram defendidas, essencialmente, em dois artigos “Plummeting Oil Prices Might Be

Good News For The Planet – Could We Be Witnessing a Fundamental Shift in the Energy Industry?” In The Nation, 13 de Agosto de 2015; “The Real Reason Behind The Oil Price Collapse”, in The Nation, 12 de Março de 2015).

Contudo, as “big oil” ainda mantêm um peso considerável: em parte, devido à sua influência ou mesmo preponderância política, afirmando mesmo Klare que existe uma ligação indelével entre a liderança política e a dependência face ao petróleo. Basta pensar nos governos populistas, como o caso da Venezuela, em que a elite política é financiada pelos dólares provenientes da exploração dos recursos petrolíferos. A ligação entre a política e as poderosas empresas petrolíferas origina o fenómeno que Michael T. Klare designa como o “delírio do carbono” (“carbon delirium”).

Mesmo nos Estados Unidos, para o ilustre académico norte-americano, este delírio verifica-se em todos os níveis,



Ruben Eiras, director do Programa de Segurança Energética da FLAD, moderou o debate com Tim Boersma, director do 'Energy Security and Climate Initiative' no Brookings Institute, e Michael Rühle, director da Secção de Segurança Energética da NATO



Ruben Eiras, director do Programa de Segurança Energética da FLAD



O embaixador Robert Sherman fez uma intervenção sobre a importância da segurança energética para os EUA

sendo mais acentuado quanto superiores forem os lucros obtidos pelas “big oil”. Propõe-se, assim, que este problema do “delírio do carbono” seja resolvido como se tratasse de um verdadeiro problema de saúde pública. Como se tratasse de uma adição a um droga: o seu tratamento deve, destarte, passar pela concepção de programas e incentivos para aqueles que procuram reduzir a dependência nacional ao petróleo e a imposição de sanções àqueles que resistam em promover a transição para fontes de energia alternativas e mais sustentáveis ou promovem actualmente a adição aos combustíveis fósseis. Poder-se-á dizer que tais medidas poderão frustrar as expectativas dos titulares das reservas de petróleo, lançar alguma instabilidade nos mercados e significar um incremento de custos da energia no curto-prazo para os agentes económicos: mas os benefícios serão claramente superiores aos riscos, na perspectiva de Michael T. Klare (“We Are Now In The Terminal Stage of Our Barril-Fuel Addiction”, in The Nation, 2 de Abril de 2014).

Ora, perante este quadro, a energia tem-se assumido como uma importante instrumento de política internacional. E de diplomacia: fala-se mesmo em poder energético. Este deve ser entendido como a exploração das vantagens de uma nação no que respeita à energia e à tecnologia para promover os seus interesses energéticos globais e prejudicar os interesses dos rivais.

A “corrida aos recursos energéticos” e o exercício do poder energético tem colhido apoiantes quer dos defensores de uma política externa baseada no “soft power”, quer nos defensores de uma política externa mais “musculada”, mais militarista, ou seja, de “hard power”. Na realidade política dos EUA, a Administração Obama e os Republicanos têm concordado no recurso ao poder energético como instrumento de política externa: a construção do oleoduto transfronteiriço com o Canadá e o México permitira a produção de recursos energéticos, liderados pelos EUA, que seriam vendidos aos países europeus, enfraquecendo a dependência energética da Europa face à Rússia (especialmente atendendo às novas orientações de política externa russa espelhadas na sua intervenção na Crimeia) in “Hard Power, Soft Power and Energy Power – The New Foreign Policy Tool”, Foreign Affairs, 3 de Março de 2015.

O poder energético assume-se, assim, como um instrumento de política externa, entre o “soft power” e o “hard power”.

BIBLIOGRAFIA

- War Without End: American Planning for the Next Vietnams, Knof, Nova Iorque, 1972.
- Supplying Repression, Field Foundation, Nova Iorque, 1978
- Beyond the 'Vietnam Syndrome': U.S.
- Interventionism in the 1980s, Institute for Policy Studies, Washington D.C., 1981.
- American Arms Supermarket, University of Texas Press, Austin, 1984
- Low-Intensity Warfare: Counterinsurgency, Proinsurgency and Anti-terrorism in the Eighties, coordenador, Pantheon, Nova Iorque, 1988;
- Peace and World Security Studies: A Curriculum Guide, coordenador, Lynne Rienner, Boulder, CO, 1994;
- Lethal Commerce: The Global Trade in Small Arms and Light Weapons, coordenador, American Academy of Arts and Sciences, Cambridge, 1995).
- Rogue States and Nuclear Outlaws: America's Search for a New Foreign Policy Hill & Wang, Nova Iorque, 1995.
- A Scourge of Guns: The Diffusion of Small Arms and Light Weapons in Latin America, co. David Andersen, Federation of American Scientists, Washington D.C.1996.
- World Security: Challenges for a New Century, coordenador, St. Martin's Press, Nova Iorque, 1998.
- Light Weapons and Civil Conflict, coordenador, Rowman and Littlefield, Lanham, 1999).
- Resource Wars: The New Landscape of Global Conflict, Owl Books, Nova Iorque, 2002.
- Blood and Oil: The Dangers and Consequences of America's Growing Dependency on Imported Petroleum, Metropolitan Books, Nova Iorque, 2004;
- Low Intensity Warfare: How the USA Fights Wars Without Declaring Them, Metheun Publishing, Londres.
- Rising Powers, Shrinking Planet: The New Geopolitics of Energy, Henry Holt & Company, Nova Iorque.
- The Race for What's Left: The Global Scramble for the World's Last Resources, Metropolitan Books, Nova Iorque, 2012.

Portugal Energy Tour, ou uma visita à volta das energias

A FLAD organizou entre 7 e 11 de Dezembro uma visita em Portugal com diversos altos representantes oficiais eleitos dos Estados Unidos, mas também empresários e gestores norte-americanos, numa apresentação de novas oportunidades para as energias renováveis nacionais

Pedro Cardoso / FLAD

O objetivo da PET – Portugal Energy Tour – foi, por um lado, dar a conhecer o que de melhor existe no sector energético nacional, através de visitas a instalações e projetos relacionados com diversas fontes de energia primárias, em particular renováveis, solar e eólica, com a gestão de rede e com redes energéticas inteligentes e, por outro, identificar oportunidades de negócio para as empresas Americanas a operar em Portugal, bem como para as empresas portuguesas estabelecidas nos EUA.

No âmbito desta missão, a comitiva foi recebida pelas empresas mais representativas do sector das energias renováveis em Portugal.

Levamos os nossos convidados a conhecer a REN – R&D Nester, entidade técnica e cientificamente reconhecida pela pesquisa e desenvolvimento de soluções na área das redes energéticas, com simulação de sistemas de potência, gestão de energias renováveis, tecnologias de rede inteligentes, mercados de energia e economia. Mas também a ENERCOUTIM – Associação Empresarial de Energia Solar de Alcoutim – que tem como missão o acolhimento, promoção, desenvolvimento e suporte de projetos de geração de energias renováveis e a captação e dinamização da atividade tecnológica ligada a este sector, através da Plataforma Solar de Martim Longo, situada no concelho de Alcoutim, região do Algarve.

Sendo a plataforma solar de Martim Longo uma área de acolhimento empre-

sarial, acomoda num espaço com cerca de 42 hectares de área infraestruturada, um conjunto de empresas dedicadas a atividades económicas relacionadas, essencialmente, com a monitorização, desenvolvimento, demonstração e teste, comercialização e divulgação de diferentes tecnologias solares de ponta.

A ENERCOUTIM tem ainda por objetivo lançar novos projetos de demonstração ou piloto ligados a I&D, e apoiar a incubação de empresas ligadas ao sector das energias renováveis e outros, orientados para a utilização económica e sustentável dos recursos naturais da região de Alcoutim.

Fomos depois a Évora ver a EDP INOVGRID, um projeto inovador, que visa dotar a rede elétrica de informação e de equipamentos inteligentes capazes de promover uma participação ativa dos consumidores, integrar a geração distribuída e os veículos elétricos, automatizar a gestão das redes, melhorar a qualidade de serviço, diminuir os custos de operação e promover a eficiência energética e a sustentabilidade ambiental e promover a redução da dependência energética nacional.

Este sistema tem enormes vantagens. Desde logo, para o consumidor, permitindo-lhe conhecer e controlar os seus consumos ao longo do dia, sabendo exatamente quando, como e onde gasta a sua energia. A faturação por estimativa dá lugar a uma gestão de consumos em tempo real, minimizando custos.

Este sistema permite ainda que qualquer pessoa possa produzir energia em sua casa, para utilização própria ou para vender à rede. O consumidor tor-

na-se produtor e vendedor de energia e vai poder instalar painéis solares fotovoltaicos ou pequenas turbinas eólicas em sua casa.

Outra das visitas foi à ACCIONA – Central Solar Fotovoltaica de Amareleja – uma das maiores centrais solares do mundo, que produzirá energia "limpa" para a rede elétrica nacional durante 25 anos. Sem custos de fuel ou emissões, a central, por cada 90 mil MW de energia produzida, permite poupar 152 mil toneladas de emissões de gases de efeito de estufa (CO2) em comparação com uma produção equivalente a partir de combustíveis fósseis. Tem uma capacidade instalada de 46,41 megawatts (MW) pico e 35 MW de potência de injeção na rede, num terreno de 250 hectares, estando localizada em Moura (Beja) – considerada a "terra mais quente de Portugal", devido aos recordes de temperatura máxima no Verão.

A central produz cerca de 93 mil MW de energia por ano, o suficiente para abastecer 30 mil habitações. A ener-



Os lusodescendentes dos EUA

A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) organizou no passado dia 7 de Dezembro – e até ao dia 11 – um roadshow em Portugal com a participação de representantes oficiais dos Estados da Nova Inglaterra e Nova Iorque, empresários e gestores relacionados com o sector das energias renováveis dos EUA:

Rep. António Cabral, Câmara de representantes de Massachusetts

Gideon Gradman, Diretor executivo da Integrates Energy Advisors, Philadelphia

Sen. Jack Martins, Senado de New York

Matthew Morrissey, Diretor executivo da Offshore Wind

Massachusetts

Sen. Marc R. Pacheco, Senado de Massachusetts

Sen. Michael J. Rodrigues, Senado de Massachusetts

Michael Lake, Presidente e CEO da Leading Cities

Paul Vigeant, Diretor Executivo da New Bedford Wind Energy Center



gia é injetada na subestação de Amareleja e Alqueva.

Com 2520 seguidores solares azimutais (dispositivos mecânicos que orientam os painéis solares a seguir perpendicularmente ao sol, desde a alvorada, a Este, até ao poente, a Oeste), equipados com 104 painéis solares cada um, a central é uma das maiores do mundo, em potência total instalada e capacidade de produção.

Estivemos ainda no LNEG – Laboratório Nacional de Energia e Geologia, um organismo de investigação, demonstração e desenvolvimento tecnológico cuja missão é promover a inovação tecnológica orientando a ciência e tecnologia para o desenvolvimento da economia contribuindo para o aumento da competitividade dos agentes económicos no quadro de um progresso sustentável da economia portuguesa. Este constitui uma interface de integração de tecnologia e resultados de I&DT junto do tecido empresarial. Incumbe-se, também, da prestação de serviços e contratos com o tecido empresarial e com o próprio Estado, e apoia-o

diretamente nas vertentes de representação internacional, no fornecimento ao Governo de fundamentação de Ciência e Tecnologia adequada a políticas setoriais, problemáticas transversais e de interface ou que incidam sobre problemas da sociedade.

Demos a conhecer a GALP ENERGIA, o único grupo integrado de produtos petrolíferos e gás natural de Portugal, com atividades que se estendem des-

A comitiva foi recebida pelas empresas mais representativas do sector das energias renováveis em Portugal

de a exploração e produção de petróleo e gás natural, à refinação e distribuição de produtos petrolíferos, à distribuição e venda de gás natural e à geração de energia elétrica. A visita do PET centrou-se apenas na área de exploração e produção, sendo o portefólio da Galp Energia cerca de 45 projetos, dispersos por oito países,

em diferentes fases de exploração, desenvolvimento e produção.

A empresa centra a sua atividade em três áreas principais – Brasil, Moçambique e Angola – mas tem vindo a desenvolver importantes esforços para diversificar o seu portefólio de exploração a nível geográfico e geológico. Durante 2012, a Galp Energia adicionou 14 novos projetos ao seu portefólio de exploração e produção, destacando-se as entradas na Namíbia e em Marrocos, que conta ainda com projetos de exploração em Timor-Leste e no Uruguai.

Estivemos também na PORTUCEL SOPORCEL (Setúbal), um grupo que é hoje uma das mais fortes presenças de Portugal no mundo desempenhando um papel estruturante para a economia nacional, pela integração vertical do seu modelo de negócio: investigação aplicada, floresta, pasta de celulose, energia renovável e papel. Na indústria da pasta e do papel, o grupo Portucel Soporcel assume uma grande

importância na economia nacional, tendo sido distinguido, em Junho de 2013, como a “Melhor Empresa da Europa” pelo European Business Awards na categoria “Business of the Year”.

A importância da SOPORCEL para o desenvolvimento da economia portuguesa revela-se na sua capacidade produtiva e exportadora, representando 3 % do total de bens exportados por Portugal, e no seu volume de negócios, que atinge cerca de 1% do PIB.

O contributo do Grupo vai para além da produção de pasta e papel. A produção de energia a partir de biomassa é também uma área onde o grupo Portucel Soporcel ocupa uma posição de destaque. Basta dizer que mais de 50 % do total da energia produzida em Portugal a partir de biomassa é gerada pelo grupo Portucel Soporcel e 5% da produção total de energia elétrica em Portugal é gerada pelo Grupo.

Entre as visitas, contou-se ainda a EDP Dispatch Center (Porto), que, para apoiar as suas atividades, desenvolveu a mais moderna infraestrutura de



Visita à REN - R&D NESTER

controlo remoto, o Wind Energy Management System (WEMS), ou sistema de gestão da energia eólica. Os seus 30 supervisores estão instalados em três centros de controlo remoto (Porto, Oviedo e Houston) onde têm acesso direto a mais de 5.000 turbinas de 11 produtores diferentes, 200 subestações e 250 torres meteorológicas por todo o mundo.

Conseguem assim acompanhar e controlar cada um dos ativos em tempo real, podendo reinicializar à distância as turbinas, enviar notificações para as equipas no terreno e responder aos pedidos mais exigentes dos operadores das redes elétricas. São assim armazenados mais de 2 milhões de dados diários numa base de dados central com todos os registos históricos, que constitui o núcleo do sistema de gestão do desempenho operacional (OPMS), o qual deverá conduzir as atividades de análise de desempenho e operações no terreno a um nível de excelência ainda mais elevado.

Fomos também ver o WINDFLOAT (Aguçadoura), conduzido pela EDP Inovação em parceria com a EDPR. Este projeto WindFloat desenvolve uma tecnologia que vai permitir a exploração do potencial eólico no mar, em profundidades superiores a 40 metros. O foco de inovação do projeto baseia-se no desenvolvimento de uma plataforma flutuante, partindo das experiências da indústria de extração de petróleo e de gás, onde irá assentar uma turbina eólica com vários MW de capacidade de produção.

O projeto WindFloat engloba a conceção e construção de um protótipo onde é montada uma turbina eólica de 2 MW. O protótipo foi instalado ao largo da costa portuguesa, perto de Aguçadoura, e ligado à rede elétrica em finais de dezembro de 2011. Trata-se do primeiro projeto de instalação de turbinas eólicas offshore em todo o mundo que não implicou a utilização de pesados sistemas de cons-

trução e montagem no mar.

Já a ENEOP – Eólicas de Portugal, S.A. é uma empresa constituída em resposta na sequência do Concurso Público para Energia Eólica de 2005-2006, para instalar em Portugal o primeiro polo industrial para produção de aerogeradores de última geração e desenvolver novos projetos de parques eólicos a partir da produção destas unidades industriais. A ENEOP ganhou a primeira e maior fase deste concurso, conseguindo os direitos para a instalação de 1200 MW de novos parques eólicos até 2013. A ENEOP II foi um consórcio entre cinco empresas, ENERCON, ENERCON, Neo Energia (EDP Group), Finerge, Gennerg – SGPS e TP (joint venture entre a SONAE e ENDESA).

O principal objetivo da ENEOP, foi trazer para Portugal a melhor tecnologia existente no mercado e potenciar um novo sector industrial no País, de modo a maximizar simultaneamente os benefícios ambientais decorrentes da energia eólica e o desenvolvimento económico. O PET visitou os parques eólicos instalados em Viana do Castelo.

Finalmente, visitámos a ENERCON, um fabricante alemão de geradores que é o líder mundial no desenvolvimento de aerogeradores de última geração, com uma vasta experiência na implementação de fábricas no mundo. A Enercon desempenha um papel pioneiro na I&D e conceção dos aerogeradores mais aperfeiçoados do mercado, sem caixa de velocidade. Em Portugal a ENERCON, para além de instalações de profusão e a O&M Serviços de Portugal, estabeleceu uma sucursal no país que atualmente produz 15% do seu consumo de energia elétrica a partir de energia eólica. O PET, visitou a fábrica de produção das torres eólicas, bem como das pás, em Viana do Castelo, para grande satisfação de todos os convidados.



Ciência e Sociedade: a Bioética em Debate nos Açores

Cientistas, académicos e políticos moderaram e apresentaram comunicações sobre a dimensão conceptual das questões da bioética, mas também sobre a sua dimensão prática e o impacto na sociedade. Foi um dia cheio em Ponta Delgada, nos Açores.

Fátima Fonseca / Directora da FLAD

Para assinalar o seu 30º aniversário, a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento lançou o Ciclo de Conferências 3D – 3 Décadas de Desenvolvimento: Científico, Económico e Político. A conferência dedicada ao desenvolvimento científico, sob o lema “Ciência e Sociedade: a Bioética em Debate”, teve lugar no Auditório do Laboratório Regional de Engenharia Civil de Ponta Delgada, Açores, no dia 15 de Outubro de 2015.

Pretendeu-se com esta realização promover a reflexão e o debate em torno das questões que o desenvolvimento científico e a evolução tecnológica levantam quando confrontados com a bioética nas suas mais variadas dimensões – científica, filosófica, teológica, jurídica e política. O programa da conferência foi construído com o aconselhamento e a coordenação científica de Marta Dias Barcelos, investigadora da Universidade Nova de Lisboa.

Após a sessão formal de abertura,

que contou com a presença do Presidente da FLAD, Vasco Rato; do Secretário Regional do Mar, Ciência e Tecnologia dos Açores, Fausto de Brito e Abreu, em representação do Presidente do Governo Regional dos Açores; e do Ministro Conselheiro da Embaixada dos EUA em Portugal, John Olson, em representação do Embaixador dos EUA, os trabalhos foram iniciados com a conferência “O que hoje não sabemos, amanhã saberemos”, proferida por dois cientistas galardoados com o Prémio Pessoa em 2013 e 2014, Maria Manuel Mota e Henrique Leitão, respetivamente.

Esta conferência inaugural permitiu lançar o tema e estimular os trabalhos em torno de sessões dedicadas não só à dimensão conceptual das questões da bioética, mas também à sua dimensão prática e impacto na sociedade. Participaram ativamente personalidades de indiscutível craveira – cientistas, académicos e políticos – que moderaram e apresentaram comunicações, numa partilha de conhecimento com uma plateia de mais de 100 participan-

tes, de entre políticos, diplomatas, académicos, investigadores, estudantes das áreas da saúde e outros interessados, em especial gestores e profissionais ligados às ciências da vida.

A conferência foi encerrada pelo Administrador da FLAD, Jorge Ga-

A FLAD participou nesta conferência através da presença de todos os membros do Conselho Executivo - Vasco Rato, Jorge Gabriel e Michael Baum - e também do Administrador não executivo, Mário Mesquita

briel, e pelo Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, José Manuel Boleiro.

O interesse do programa e dos intervenientes motivou uma ampla cobertura dos meios da comunicação social, registando-se o acompanhamento permanente dos trabalhos por parte de duas jornalistas do ‘Diário de Notícias’ e da Rádio Renascença.

Importa ainda mencionar o apoio local prestado pela Câmara Municipal de Ponta Delgada, designadamente pelo Gabinete do Presidente, colaboração que permitiu o sucesso da iniciativa e o alcance dos objectivos a que a FLAD se propôs. Acresce a amável cedência do Auditório por parte do Laboratório Regional de Engenharia Civil de Ponta Delgada.

O Conselho de Administração da FLAD participou na conferência através da presença de todos os membros do Conselho Executivo – Vasco Rato, Jorge Gabriel e Michael Baum – e também do Administrador não executivo da Fundação, Mário Mesquita.



Pontos Colaterais no Centro de Artes Contemporâneas

A FLAD disponibilizou obras da sua coleção de arte contemporânea para exposições itinerantes em várias ilhas açorianas e, desta vez, aconteceu cultura na Ribeira Grande, ilha de São Miguel.

Paula Vicente / FLAD

O espaço Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, inaugurado em Março de 2015 na Ribeira Grande, ilha de São Miguel, albergou a exposição intitulada 'Pontos Colaterais - Coleção de Arte Contemporânea Arquipélago, uma seleção', que esteve patente ao público entre Maio e Agosto de 2015. Associando-se à iniciativa, a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento apoiou esta exposição inaugural, através do trabalho do curador da sua coleção de arte, João Silvério, responsável curatorial de Pontos Colaterais - Coleção de Arte Contemporânea Arquipélago, uma seleção.

A Fundação disponibilizou obras da sua coleção de arte contemporânea para exposições itinerantes em várias ilhas açorianas

A colaboração com o Governo Regional dos Açores, no domínio de projetos culturais, foi formalizada em 2011, através de um protocolo de Cooperação Cultural celebrado entre a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) e a Direção Regional da Cultura (DRaC), sob a égide do projeto cultural Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, com o objetivo de potenciar e dinamizar diversas iniciativas no âmbito da criação artística e da exposição, investigação e divulgação da arte contemporânea nas ilhas da Região Autónoma dos Açores.

Ao abrigo desse protocolo, a FLAD disponibilizou obras da sua coleção de arte contemporânea para exposições itinerantes realizadas em várias ilhas açorianas. Esta iniciativa veio dar continuidade a outras anteriormente desenvolvidas pelas duas instituições na área das artes plásticas e da cultura, e inscreve-se num campo mais abrangente de ações que a FLAD vem desenvolvendo em cooperação com o Governo Regional dos Açores nas últimas décadas.

O edifício do Arquipélago, com uma área útil de seis mil metros quadrados, foi objeto de consideráveis obras de reabilitação que lhe valeram uma nomeação para o Prémio de Arquitetura Contemporânea da União Europeia Mies van der Rohe 2015.

'A Look on Vision' no Arte Institute de Nova Iorque pela mão da FLAD

A antecipar a exposição, patrocinada pela FLAD, o oftalmologista e fundador do Centro Cirúrgico de Coimbra, Dr. António Travassos, foi convidado do 'Grand Rounds Lecture' da Universidade de Nova Iorque.

O Centro Cirúrgico de Coimbra (CCCI), a FLAD e a Arte Institute inauguraram a 30 de Setembro de 2015 a exposição «A Look On Vision - Inside The Human Eye», uma mostra que esteve patente no Langone Medical Center da Universidade de Nova Iorque durante mais de um mês. Esta exposição única resulta do quotidiano do CCCI, local onde foram capturadas mais de 3 milhões de imagens que versam sobre a vida no interior do olho, do estilo de vida de alguém, do DNA herdado e sobre as lesões que têm enfrentado.

O resultado foi uma conjugação inédita e disruptiva entre a Arte e a Ciência, em que cada uma das 45 imagens selecionadas para a exposição relatam histórias reais sobre a visão humana e uma nova perspectiva impossível de alcançar a olho nu.

A antecipar a exposição «A Look On Vision - Inside The Human Eye», o médico oftalmologista e fundador do Centro Cirúrgico de Coimbra, Dr. António Travassos, foi convidado para integrar o Grand Rounds Lecture da Universidade de Nova Iorque e conduziu uma palestra subordinada ao tema "30 Years of Eye Surgery" no dia 29 de Setembro, pelas 17h, no Smilow Seminar Room.

Para o médico e fundador do Centro Cirúrgico de Coimbra, António Travassos, "a construção da memória futura faz-se hoje. As novas tecnologias vieram facilitar, em muito, as estratégias de um cirurgião. Contudo, o olho é um órgão muito sensível e qualquer atitude menos refletida pode comprometer o sucesso da intervenção. Esta é a minha grande preocupação, sempre que opero, por uma questão de respeito para com o doente e para comigo próprio, devo fazer sempre o melhor pelo doente, respeitando a obra de arte que é o olho humano".

Já Jorge Gabriel, administrador da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, salienta que "esta é uma iniciativa a que a FLAD fez questão de se associar e de apoiar por ser mais uma prova de que os portugueses podem ter uma presença viva e activa nos Estados Unidos, mas também por corresponder a uma iniciativa conjunta entre profissionais e unidades de Saúde dos dois

Países". Destacando a sua "itinerância em Portugal", o administrador da FLAD acrescenta que "é de aplaudir e apoiar esta interacção entre arte e ciência, otimizada pela palestra do médico e fundador do Centro Cirúrgico de Coimbra, Dr. António Travassos, no Grand Rounds Lecture da Universidade de Nova Iorque."

Ana Ventura Miranda, Diretora do Arte Institute, assinala ainda que a exposição "é uma excelente oportunidade para mostrar como a Arte e a Ciência podem caminhar juntas e neste caso promover, fomentar e estabelecer novas parcerias, contactos e relações profissionais entre unidades hospitalares em Portugal e nos Estados Unidos. A pales-

Ana Ventura Miranda, Diretora do Arte Institute, diz que esta "é uma excelente oportunidade para mostrar como a Arte e a Ciência podem caminhar juntas"

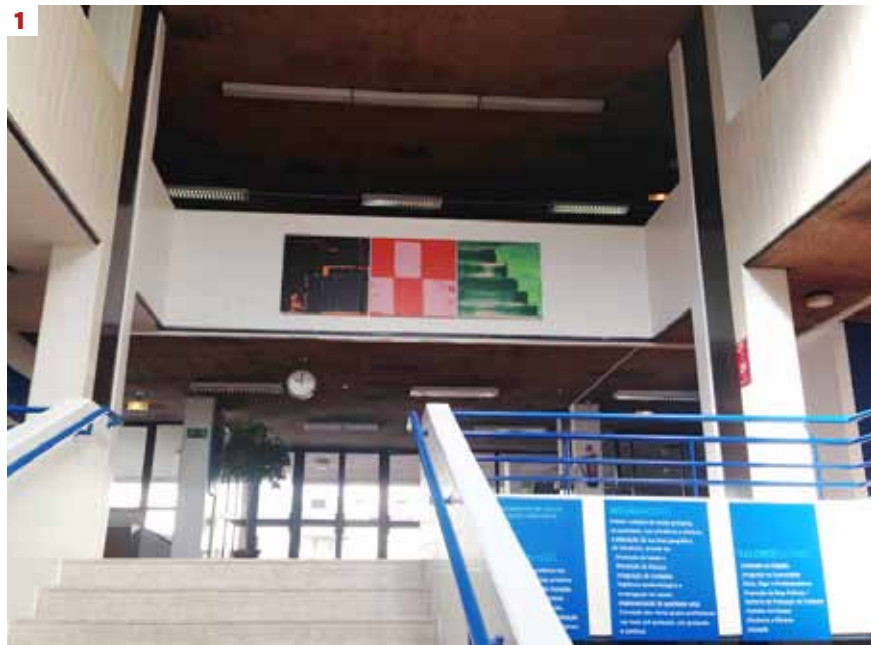
tra "Grand Rounds Lecture" para a qual o Dr. Travassos foi convidado, complementando a inauguração da exposição, é disso um bom exemplo. Mostra também como o trabalho de Portugal e dos portugueses é bem recebido e têm interesse para os norte-americanos. O Arte Institute, na mostra que apresentou no Kennedy Center em Março passado, com o Elétrico de Cortiça e a Escultura "Jangada de Pedra" dos Arquitetos Souto Moura e Siza, aliou a indústria e tecnologia de ponta (cortiça e pedra) à Arte, na maior mostra do Portugal contemporâneo nos Estados Unidos." E conclui: "Na sequência desta experiência e dos seus resultados, pretendemos agora avançar e aliar a Ciência à Arte como uma nova forma de promover a cultura portuguesa mas ao mesmo tempo também o seu avanço científico e tecnológico. A Fundação Luso-Americana tem tido um papel crucial na implementação desta visão que partilham connosco e, para além de apoiarem, têm sido muitas vezes a ponte para estabelecer estes projetos e conectar parceiros como o Centro Cirúrgico de Coimbra e a Edigma, que também já colaborou connosco num projeto em Lisboa".



Arte em Movimento: Linha e cor, (epi)centro da saúde em Sete Rios

O projecto Arte em Movimento é uma iniciativa da FLAD para mostrar a sua colecção de arte num contexto público mais abrangente. A primeira exposição está desde 11 de Maio de 2015 no Centro de Saúde de Sete Rios, em Lisboa.

João Silvério / Curador da Colecção de Arte Contemporânea da FLAD



O projecto Arte em Movimento é uma iniciativa da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) que tem como objectivo mostrar a sua colecção de arte num contexto público mais abrangente. A primeira exposição desta iniciativa pode ser vista desde o dia 11 de Maio de 2015 no Centro de Saúde de Sete Rios, em Lisboa, resultando de um protocolo estabelecido entre a FLAD e o Ministério da Saúde.

A escolha das obras para a instalação neste Centro de Saúde, sob o título “Linha e cor, (epi)centro da saúde”, teve como ponto de partida o nú-

Pedro Calapez é um dos doze artistas desta mostra, com Ângelo de Sousa, António Areal, Fernando Calhau, Pedro Casqueiro, José Pedro Croft, Ana Hatherly, Ana Jotta, Luísa Correia Pereira, Jorge Martins, Rui Sanches e Xana.



cleo de desenho da colecção de arte da FLAD e o espaço arquitectónico do edifício, da autoria do arquitecto Manuel Tainha. A linha e a cor, elementos estruturantes dos desenhos expostos, dialogam com uma pintura que foi adquirida pela Fundação especificamente para este projecto.

Deste modo, Pedro Calapez, autor da pintura intitulada Onimod-03B, de 2015, é um dos doze artistas que integram esta mostra, com Ângelo de Sousa, António Areal, Fernando Calhau, Pedro Casqueiro, José Pedro Croft, Ana Hatherly, Ana Jotta, Luísa Correia Pereira, Jorge Martins, Rui Sanches e Xana. (ver foto nº1)

A exposição desenvolve-se a partir da coluna central das escadas de acesso aos diversos pisos e ocupa grande parte das áreas disponíveis do edifício, entre as zonas de serviço e de atendimento ao público e ainda nos dois pisos destinados à administração e salas para reuniões técnicas, de acesso mais reservado. Esta montagem abrangente do espaço do edifício pretendeu disponibilizar as obras de arte para os utentes do Centro de Saúde, bem como para os seus profissionais, tendo em atenção as salas de espera, que a arquitectura orgânica permite que comuniquem através



do átrio central, revelando uma relação visual entre os dois eixos do mesmo piso e, em certos casos, entre pisos desnivelados. (ver foto nº2)

Expor arte contemporânea fora do contexto museológico ou galerístico não é de facto uma novidade em si, sendo aliás uma prática que se tem desenvolvido nas últimas décadas em espaços públicos muito diversificados. Contudo, este programa, iniciado no ano passado pela FLAD, tem como vector principal a itinerância da colecção por espaços em que a saúde é o objecto essencial das instituições que vão acolher este programa. A convivência com as peças artísticas não pretende ter uma acção directa sobre o estado de saúde dos pacientes e outros utentes destes espaços, mas de uma forma complementar con-

tribuir para que estes possuam uma outra componente visual e estética que amplifique o bem-estar e acrescente ao esforço de humanização que estes serviços tem vindo a concretizar um outro tipo de relações que permitam melhorar essa vivência temporária, seja durante o tempo em que o utente aguarda uma informação ou uma consulta, ou durante o período laboral dos que aí desenvolvem a sua actividade profissional. (ver foto nº3)

A experiência pioneira que o Centro de Saúde de Sete Rios acolheu é tida como proveitosa e interessante para o quotidiano deste Centro, tendo em conta principalmente a duração da exposição que permite uma interacção mais integrada e continuada, como nos diz a Directora Executiva do ACES (Agrupamento

do Centros de Saúde de Lisboa Norte), Dr^a. Manuela Peleteiro: “Aqui-lo que nós percebemos e entendemos é que o Museu não esteja dentro de paredes e venha para nossa casa; o sermos completamente envolvidos no nosso dia-a-dia por obras do nível que nos propuseram, foi sentido pelo Centro de Saúde em geral como um privilégio. Foi acolhido pelos profissionais de uma forma diferente pelo facto de termos participado numa visita guiada que nos fez olhar de uma forma diferente para as obras. Quando vamos a um museu estamos focados na ideia de nos concentrarmos naquilo que vamos ver. Quando é exactamente o contrário e somos nós que somos envolvidos pelo ‘museu’ podemos não ter a mesma percepção, podemos não ter a mesma leitura: a visita guiada ajudou-nos a ver alguns pormenores e relações de sentido. E depois continuamos a ‘conversar’ com a obra com uma linguagem mais enriquecida por essa visita guiada. No que respeita aos utentes que se deslocam aqui com um problema de saúde, ou com uma missão, também sentimos que a presença das obras muda completamente o envolvimento que os rodeia. É qualquer coisa de que não estão à espera. A sua permanência mais prolongada permitiria uma maior actividade com os utentes, e uma publicação pode ajudar a tornar mais eficaz e a fixar a memória daquilo que fruíram.” (ver foto nº4)

No âmbito desta exposição foram produzidos doze marcadores de livros para distribuir gratuitamente pelo público que se desloca ao Centro de Saúde. Cada um destes marcadores tem reproduzida a imagem de uma obra de um dos artistas e um breve texto informativo sobre essa mesma obra e o trabalho do seu autor. Outro material de divulgação, como é referido pela Directora do ACES, poderá vir a ser editado no conjunto da itinerância.

Esta exposição é o ponto de partida do programa Arte em Movimento, e outras se lhe seguirão. Não são apenas exposições concebidas para um determinado público utilizador de cada instituição, são também uma oportunidade de dar a ver às diferentes comunidades onde serão apresentadas obras de arte contemporânea do acervo da FLAD que são normalmente menos acessíveis, como qualquer outro acervo museológico. Este programa itinerante, de âmbito nacional, propõe-se mostrar conjuntos expositivos a públicos e instituições diversificadas em diferentes zonas do país.

Ajudar a integrar na Arte com o programa Escolhas

Tendo como missão promover a inclusão social de crianças e jovens de contextos socioeconómicos vulneráveis, o projecto Integr.art-e-E5G foi gerido pela FLAD nos últimos 3 anos.

Paula Vicente / Subdirectora da FLAD

O projecto Integr.art-e-E5G (5ª geração do Programa Escolhas) terminou em 31 de Dezembro de 2015, cumprindo os três anos de execução iniciados em 1 de Janeiro de 2013, tendo como entidade gestora a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. O Integr.art-e-E5G foi um dos vencedores no universo de candidaturas submetidas ao Escolhas, programa governamental de âmbito nacional, criado em 2001 e promovido pela Presidência do Conselho de Ministros.

A acção do projecto incidiu de modo prioritário junto de crianças e jovens dos 10 aos 24 anos, com factores de risco identificados. A FLAD acompanhou as actividades do projecto com grande empenho

Tendo como missão promover a inclusão social de crianças e jovens de contextos socioeconómicos vulneráveis, visando a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social, o Programa Escolhas é tutelado pelo Alto Comissariado para as Migrações (ACM), e financiado pelo Instituto da Segurança Social, pela Direção Geral de Educação e pelo Fundo Social Europeu, através do Programa Operacional Potencial Humano – POPH/QREN.

Além da FLAD, fazem parte do projecto a Associação Cultural e Juvenil Batoto Yetu-Portugal, como entidade promotora, e um consórcio constituído pelas seguintes entidades: Agrupamento de Escolas de São Bruno (Caxias); Agrupamento de Escolas de Paço de Arcos; Câmara Municipal de Oeiras e Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Oeiras.

Localizado no Concelho de Oeiras, o projecto Integr.art-e-E5G surgiu com o objectivo de promover, através da arte, a integração social de crianças e jovens residentes em contextos vulneráveis, através de um conjunto de dinâmicas de prevenção e de apoio à (re) integração social.

A acção do projecto incidiu de modo prioritário junto de crianças e jovens dos 10 aos 24 anos, com factores de risco identificados, nomeadamen-

te, absentismo, insucesso e/ou risco de abandono escolar; jovens em situação de desocupação; crianças e jovens com comportamentos de risco identificados e provenientes de famílias com dificuldades de integração económica e/ou social, identificados nas freguesias de Caxias, Paço de Arcos e Oeiras.

Ao longo dos três anos foram desenvolvidas acções em contexto comunitário e escolar, potenciando e complementando os restantes recursos locais. Para além de uma articulação muito próxima com os dois Agrupamentos de Escolas (Paço de Arcos e São Bruno) foi iniciada uma forte parceria com o Centro

Comunitário do Alto da Loba, enquanto parceiro privilegiado na freguesia de Paço de Arcos e ainda com a Associação de Moradores Pombal XXI (Oeiras). O Integr.art-e-E5G colaborou ainda com o CEPAO – Centro Educativo Padre António Oliveira em Caxias.

Dando primazia à dinamização pela arte, o projecto recorreu a metodologias artísticas e expressivas através de ferramentas de desenvolvimento de competências, procurando capitalizar a experiência e recursos da entidade promotora, Batoto Yetu-Portugal, neste domínio. Esta estratégia de intervenção permitiu, igualmente, criar uma ponte afectiva e identitária mais forte com o grupo-alvo e reforçar as competências pessoais, sociais e empreendedoras dos destinatários.

Durante os 36 meses de duração, o projecto beneficiou um total de 802 participantes, dos quais 545 crianças e jovens, 137 familiares e 120 outros indivíduos, localizados nas três freguesias de Caxias, Paço de Arcos e Oeiras, com uma taxa de execução das actividades previstas de quase 100%.

Ao longo dos três anos foram também realizadas actividades de grande visibilidade e impacto, das quais se destacam: Intercâmbio juvenil em Itália em 2013; parceria com a Universidade Lusófona - actividades curriculares em comunidade no âmbito da incubadora de economia solidária e desenvolvimento local da Lusófona e ainda o I Encontro Internacional de Economia Solidária - actividade em Caxias com 20 delegados internacionais (Brasil, França, Japão, Espanha, Itália e Portugal); participação no Festival Internacional Big Bang no CCB (2014) com duas actuações no Grande Auditório CCB assistidas por mais de 2500 pessoas, com a



participação de dois músicos dos EUA, cuja deslocação a Portugal foi apoiada pela FLAD; Teatro Comunitário em Caxias (também denominado “teatro de vizinhos”) envolvendo a comunidade local para debater e expressar, através do teatro, temáticas sobre a realidade da freguesia.

Foram alcançados os resultados a que o projecto Integr.art-e-E5G se propôs, tendo sido concluído com resultados muito positivos, nomeadamente ao nível da recuperação e sucesso escolar de vários jovens. O projecto contribuiu ainda para a diminuição do abandono escolar.

Para além de entidade de gestora, a FLAD acompanhou as actividades do projecto com grande empenho, tendo possibilitado todas as condições para que a equipa técnica e a entidade promotora Batoto Yetu-Portugal pudessem implementar e executar o projecto com sucesso até ao seu término.



Portugal, as empresas e os empreendedores

Como podem os empreendedores e as empresas portuguesas beneficiar dos meios materiais, humanos e financeiros colocados à sua disposição?



Jorge Gabriel

Administrador Executivo da FLAD

A edição de 2015 do “Innovation Union ScoreBoard”, publicado pela Comissão Europeia, revela que Portugal se mantém como “inovador moderado”, subindo um lugar relativamente ao ano anterior e ocupando agora o 17º lugar entre os 28 países da União Europeia. Mas o desempenho de Portugal situa-se, apesar de tudo, em (apenas) 73% do da média europeia. É curiosamente na dimensão da inovação, em particular nas vertentes técnica e de negócio das pequenas e médias empresas, que Portugal está ao nível médio da UE. Mas não deixa de ser limitado o impacto do registo da propriedade intelectual e industrial e dos níveis de investimento e despesa em Investigação & Desenvolvimento.

No “Global Competitiveness Index 2015-16”, publicado em Setembro do ano passado pelo World Economic Forum (WEF), Portugal recua duas posições (para 38º lugar, num total de 140 países) depois de no ano anterior ter avançado 15 posições, do 51º para o 36º lugar.

No 12º pilar, o da inovação, onde mantem o 28º lugar, isto é, dez posições acima da sua classificação geral, Portugal apresenta melhores resultados na disponibilidade de cientistas e enge-

nheiros (21º lugar), na qualidade das instituições de investigação (21º) e na colaboração entre universidades e empresas (23º) e piores na contratação pública de produtos de elevado conteúdo tecnológico (48º) e no investimento das empresas em I&D (40º).

Não deixa também de ser curioso observar o nosso desempenho ao nível da maturidade tecnológica (9º pilar), onde Portugal obtém os melhores resultados nos indicadores de utilização de Internet de banda larga (13º lugar), transferência de tecnologia (15º) e na disponibilidade de novas tecnologias de informação e comunicação (18º).

No período compreendido entre 2014 e 2016 Portugal inverte, no ranking de competitividade do Fórum Económico Mundial, o declínio sustentado que revelava desde 2005. Esta inversão de tendência é consistente com as melhorias de desempenho aferidas por dois outros indicadores, o World Competitiveness, do IMD (61 países), no qual ganhámos sete lugares no último ano, situando-nos agora no 36º lugar e o Doing Business, do Banco Mundial, onde melhorámos seis posições, alcançando, entre 189 países, o 25º lugar.

Enquanto o estudo da Comissão se orienta para a avaliação do estado da investigação, desenvolvimento e inovação, avaliando indicadores de desempenho nestas actividades per se, o estudo do WEF (e os demais referidos) procuram aferir a contribuição de um elevado número de factores (pilares) para a competitividade de cada país. São trabalhos distintos que comparam Portugal com diferentes universos e nem sempre coincidem na identificação das forças e fraquezas. Mas devem analisar-se em conjunto porque são, de alguma forma, duas faces da mesma realidade.

O primeiro estudo indicia maior robustez do lado da oferta e maiores fragi-



A FLAD elegeu a ciência, tecnologia e negócios como a sua prioridade nas relações transatlânticas, concebendo um plano de estímulo à participação cruzada de empresas e grupos de investigação entre os dois lados do Atlântico.

lidades do lado da procura. À luz da divisão conceptual investigação-inovação, em termos relativos Portugal ainda apresenta melhor desempenho na criação de conhecimento do que na transformação deste conhecimento em valor económico para as empresas e para os cidadãos. Por outro lado o segundo trabalho revela que a contribuição da tecnologia e inovação, latu sensu, para a competitividade de Portugal, é comparável às demais variáveis.

Parece seguro que as circunstâncias espelhadas nestas publicações tenham contribuído para que Portugal tenha vivido nos últimos anos uma “vaga empreendedora”. Mas o impacto mediático de algumas incubadoras e novas empresas de sucesso e os exemplos de internacionalização não se traduzem ainda num significativo aumento de vendas, exportações ou criação de emprego.

É por isso que essa vaga tem ainda uma enorme margem de progressão. E é também por isso que os nossos empreendedores devem tirar maior partido dos meios materiais, humanos e financeiros à sua disposição para alavancar os seus resultados.

Nos primeiros contamos com uma rede de infraestruturas científicas e tecnológicas que maioritariamente desenvolvem um trabalho meritório de suporte técnico e de investigação e que conhecem bem as empresas. E contamos com uma mão-cheia de universidades reconhecidas, em particular nas engenharias e nas ciências empresariais, justamente do que precisam as novas empresas de base tecnológica para crescer.

Como comprova de forma muito clara a publicação do WEF, é elevada a disponibilidade de cientistas e engenheiros qualificados. Muitos dos nossos recém-

-formados e jovens quadros de empresas acrescentam aos seus conhecimentos curriculares uma substantiva exposição a ambientes internacionais, quer académicos, quer empresariais. Falam bem inglês. E têm uma atitude menos avessa ao risco e mais aberta à mobilidade e à mudança. São, de facto, mais “empreendedores”.

Por último, mas não necessariamente menos importante, as novas empresas dispõem hoje, provavelmente mais do que nunca, de um enorme conjunto de mecanismos que asseguram as suas necessidades financeiras.

As empresas com boas ideias de negócio, adequada capacidade técnica e de gestão e um plano estratégico realista e robusto podem sustentar o desenvolvimento de novos produtos ou processos, dos seus canais de vendas ou da sua organização com o suporte financeiro de programas europeus ou nacionais, e podem garantir os meios financeiros necessários ao crescimento, nas diferentes fases do ciclo de vida, através de uma miríade de instrumentos de financiamento, quer por capitais próprios, quer por capitais alheios.

Em síntese, Portugal dispõe hoje de condições objectivas para que possa prosperar uma cultura de apoio ao negócio e ao empreendedorismo. E para que as novas boas empresas acrescentem valor à nossa economia e enriqueçam a nossa sociedade. E também por isso, a FLAD elegeu a ciência, tecnologia e negócios como a sua prioridade nas relações transatlânticas, concebendo um plano de estímulo à participação cruzada de empresas e grupos de investigação entre os dois lados do Atlântico.

Tal revela-se nos programas e projectos na área energética, quer se trate de estratégias de desenvolvimento energeticamente sustentável, do potencial da mobilidade eléctrica ou do mercado americano que se pode abrir às empresas portuguesas no sector das energias renováveis.

Revela-se também no apoio às instituições de investigação e aos projectos nas áreas da saúde e das ciências da vida. Na economia do mar através da conjugação de esforços de ambos os lados do Atlântico para que se examine, através da prova de conceito, o potencial da aquacultura na Região Autónoma dos Açores. Ou numa missão empresarial aos Estados Unidos onde novas empresas possam ser expostas a um microambiente de empreendedorismo maduro e sofisticado.

PRÉMIO LITERÁRIO



EDUARDO COSTLEY-WHITE

PREMIAR TALENTOS EM PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

ANGOLA | CABO VERDE | GUINÉ | MOÇAMBIQUE | SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e as Edições Esgotadas celebram os 800 anos da língua portuguesa e homenageiam Eduardo Costley-White, um dos expoentes máximos da poesia moçambicana.

O Prémio Literário Eduardo Costley-White destina-se a premiar trabalhos literários inéditos.

Candidaturas abertas entre 1 de Fevereiro de 2016 e 15 de Abril de 2016.

Consulte o regulamento em www.flad.pt ou na página de Facebook da FLAD

<https://www.facebook.com/FundacaoLusoAmericana/>.